

1

JUAN GÓMEZ-JURADO BÁRBARA MONTES

# AMANDA BLACK

UMA HERANÇA PERIGOSA

MAIS DE  
**3,5 MILHÕES**  
DE LEITORES  
EM TODO O  
MUNDO!

BOOK  
SMILE

*Bárbara Montes quer dedicar este livro  
a Alejandro, Jorge, Nerea e Cristina.*

*Juan Gómez-Jurado quer dedicar  
este livro a Andrea e Javi.*

# 1

**T**enho 13 anos e um teste de Ciências Sociais amanhã, para o qual não sei nada. Mas essa não é a minha maior preocupação.

Antes de chegarmos ao fim de semana, o banco vai expulsar-nos, a mim e à tia Paula, da Mansão Black. Essa era a maior das minhas preocupações até há três segundos.

A corda pela qual estava a descer do centésimo octogésimo andar da Torre Dagon Corp. (Praça Dagon, n.º 1) foi cortada.

Neste momento, estou a cair de uma altura de 477 metros, a uma velocidade de cerca de 55 metros por segundo.

Calculo que dentro de pouco menos de nove segundos vou atingir o chão.

Essa também não é a minha maior preocupação.

A minha maior preocupação é que o tipo que cortou a corda é o meu melhor amigo.

Ou, pelo menos, eu achava que era.



## 2

**C**hamo-me Amanda Black e a minha história começa num dia não há muito tempo.

Nessa altura, a minha vida era uma... não sei como dizer isto de maneira a parecer mais suave... Seja como for, vou contar-te a história e assim podes preencher tu os espaços em branco.

Vivia num apartamento com um quarto, com a minha tia-avó Paula; é mais avó do que tia, o amor dela chega a ser sufocante, mas, mesmo assim, sinto-me grata por tê-la. Quando era bebé, levou-me para viver com ela. Os meus pais morreram pouco depois de eu ter nascido. Não tenho qualquer recordação deles. A tia Paula é a minha única família.

O nosso apartamento era minúsculo, com apenas um quarto pequeno, e tínhamos de partilhar a casa de banho com o nosso senhorio, que também era dono do restaurante mexicano que ficava mesmo por baixo do nosso apartamento e do prédio onde vivíamos, um edifício em ruínas num dos

piores bairros da cidade. O senhorio já não trabalhava no restaurante, que era gerido por um dos filhos. Só lá ia comer. O homem adorava comida mexicana. «Adorava» = «Ele não comia outra coisa.» E quanto mais picante, melhor; ele adorava comida picante.

Carradas de picante.

Tinha de me levantar antes de amanhecer para ir à casa de banho, porque o senhorio era madrugador. Se eu perdesse a corrida, aquilo transformava-se numa zona de catástrofe. Era necessário decretar quarentena, lançar um alerta de guerra biológica. Eu precisava de uma mola para o nariz para entrar naquela selva odorífera, caso contrário, aguardava-me uma morte desagradável por asfixia.

No entanto, a minha vida estava prestes a mudar. E nem imaginas de que maneira.

Estava a fazer os trabalhos de casa enfiada numa conduta de ventilação entre dois andares. Porque é que fazia os trabalhos enfiada numa conduta de ventilação?

Já lá vamos. Por agora, basta que saibas que costumava esconder-me ali para que o senhorio não

me visse. Ele andava sempre à nossa procura, de mim e da minha tia, para nos exigir o pagamento das rendas em atraso. Não tínhamos muito dinheiro. Melhor dizendo, não tínhamos dinheiro NENHUM. O que a minha tia ganhava dava à justa para comermos.

Alguém passou junto à conduta. Ouvi como os passos se aproximavam, cada vez mais perto. Não muito, porque se detiveram quando chegaram ao primeiro andar, onde apenas vivíamos o senhorio, a minha tia Paula e eu. Achei muito estranho, porque nunca recebíamos visitas. Ele, porque era um ser humano bastante desagradável; nós, porque não conhecíamos ninguém, não tínhamos outra família.

Dlim dlão.

Dlim dlão.

Alguns passos. E uma campainha diferente.

TRRRRRRRRRRIIIIIIIIM.

De imediato, a voz áspera do senhorio atravessou a porta.

— Já vai, já vai. Tenha paciência. — A última frase soou mais alto e percebi que era porque ele já tinha aberto a porta ao misterioso visitante.

— Tenho uma mensagem importantíssima para Amanda Black. — A voz era suave e marcada pela

elegância. — Sabe se ela está em casa? Já toquei, mas ninguém abre a porta.

— Não sei, não sou porteiro dela, mas se quiser pode dar-me a mensagem a mim — respondeu o senhorio com um grunhido.

— Isso não será possível, caro senhor, é uma mensagem que apenas posso entregar à menina Black. Trata-se de uma mensagem muito importante.

— Mas como é que aquela criança recebe uma mensagem tão importante? Ela e a tia não passam de duas mortas de fome que me devem vários meses de renda. Dê-me cá isso e vá-se embora!

— Lamento, meu senhor, mas esta mensagem está connosco há treze anos. Foi-nos confiada a missão de a entregar única e exclusivamente a ela. Voltarei noutra altura. Muito obrigado pelo seu tempo, cavalheiro.

— Vá mas é à... — A última palavra foi abafada pelo bater da porta.

Os passos começaram a aproximar-se novamente da conduta em que eu estava e, em seguida, afastaram-se em direção à porta do prédio. Alguns segundos depois, o senhorio saiu do seu apartamento, trancou a porta e desceu as escadas, passando também, sem saber, em frente ao meu

esconderijo. Uma vez lá em baixo, parou para falar com um vizinho.

Entretanto, eu estava uma pilha de nervos.

Tinha de apanhar o mensageiro!

Precisava de saber o que dizia aquela mensagem, quem é que a tinha enviado e porque é que era tão importante (importantíssima)!

Mas como podia sair dali sem que o senhorio me visse? Se me visse ia exigir as rendas, e não tínhamos forma alguma de lhe pagar.

De repente, tive uma ideia.

### 3

**R**astejei para fora da conduta de ventilação, deixando lá os livros, os cadernos e as canetas. Voltaria mais tarde para levar tudo. Subi as escadas até ao quarto andar a correr e dirigi-me à janela ao fundo do corredor. Foi difícil abri-la. Tudo naquele edifício estava avariado, mas ninguém consertava nada. Depois de me debater com os fechos durante um bocado, consegui finalmente abrir a maldita janela. Mesmo a tempo, porque estava quase a partir o vidro. Afinal, ninguém ia notar mais uma coisa estragada no prédio.

Chovia.

A potes.

E eu odeio chuva.

Quando chove, o meu cabelo ganha volume e fica todo frisado; fico a parecer um Lulu da Pomerânia acabado de sair do banho.

A resmungar, saí pela janela e trepei pela caleira ao lado dela até ao parapeito do quinto andar

(a janela do quinto andar estava entaipada e eu sabia disso, porque tinha sido eu a parti-la, a brincar com um vizinho, por isso usei a janela do quarto andar).

Quando cheguei ao quinto andar, virei-me com cuidado, encostei as costas à parede e olhei para baixo. Nunca devia ter feito aquilo. Senti-me zozna. Se caísse, acabaria estampada, qual autocolante, no pavimento. De certeza que doeria imenso. Mas já tinha chegado até ali e tinha de continuar; respirei fundo algumas vezes e saltei para o prédio do outro lado da rua.

Durante o salto apercebi-me de que calculara mal a distância. As probabilidades de falhar o parapeito, que era o meu objetivo, iam de altas a muito altas.

E falhei.

Em vez disso, consegui agarrar-me às traves de uma varanda. Depois de ter ficado pendurada durante um bocado, comecei a trepá-la, e para meu azar, uma das minhas sapatilhas escorregou por causa da chuva (já vos disse que detesto chuva?), e quase caí outra vez.

Finalmente, consegui subir e contornei o varandim até chegar a um novo parapeito, que comecei

a percorrer com muita cautela, pois não queria voltar a escorregar.

Através de uma das janelas por onde passei, vi dois meninos a brincar com uns bonecos de super-heróis na sala de estar do seu apartamento. Pisquei-lhes o olho e fiz o gesto que o Homem-Aranha faz quando lança uma teia e depois desaparece. Na verdade, saltei para a escada de incêndio, mas acho que aqueles miúdos nunca vão esquecer o dia em que pensaram ter visto o Homem-Aranha, mas o que viram foi uma menina pouco mais velha do que eles.

Uma vez na escada de incêndio, comecei a descer a toda a velocidade, mal tocando nos degraus, ao saltar de patamar em patamar. Não sabia como estava a conseguir fazer aquilo tudo. Fiquei mais do que surpreendida com as minhas capacidades, especialmente se considerarmos que também não era muito boa a Educação Física.

Cheguei ao primeiro andar... onde acabava a escada de incêndio. Na parede havia algo parecido a um escadote, só precisava de o soltar e empurrá-lo para baixo. E tentei, acredita, mas fazia tanto barulho que desisti logo. O bairro está cheio de coscuvilheiros. Toda a gente saíria à rua para ver o que se passava e eu levaria uma bronca descomunal.

Só tinha uma hipótese: saltar do patamar em que me encontrava para o chão.

E, como era a única opção que tinha, fiz a única coisa que podia fazer: saltei.

Caí debaixo de chuva, com a perna direita dobrada debaixo de mim, a perna esquerda esticada para o lado, a formar um triângulo; o braço esquerdo esticado para trás e os dedos da mão direita apoiados no chão molhado.

Pensei que ia partir uma perna ou acabar a rolar como uma almôndega a fugir da panela. Mas não parti nada nem virei almôndega.

Apenas aterrei perfeitamente, com uma estranha sensação de irrealidade.

Surgiram uns faróis à minha frente. Ruído de travões. Quando me levantei, a porta do carro abriu-se e fechou-se de novo, depois de o ocupante do veículo sair, avançando na minha direção.

Os faróis ofuscavam-me, mas pude ver que tinha um aspeto estranho: muito alto e magro. Vestia o uniforme de uma conhecida empresa de transportes. O boné escondia-lhe a maior parte do rosto, exceto os lábios finos curvados num sorriso irónico.

— Presumo que seja a menina Black, ou estou enganado?



赤の女王

— Não, não está. Acho que tem uma mensagem para mim.

O homem anuiu uma vez, levou a mão ao peito para tirar um envelope de um bolso interior do casaco e estendeu-mo.

Aceitei-o. Não havia nada escrito no exterior do envelope.

— Não o pode abrir até às 23 horas, 57 minutos e 15 segundos desta noite — declarou. Começava a suspeitar de que ele não fosse um mensageiro normal. — Esta não é uma mensagem habitual e eu não sou um mensageiro comum; se não fizer o que lhe digo, a mensagem será destruída.

Olhei novamente para o pedaço de papel que tinha nas mãos. Tinha muitas perguntas em mente, e ergui o olhar para o mensageiro, mas ele já entrara no carro, que se afastava por entre a chuva. Só consegui ver as luzes traseiras.

Pus o envelope num bolso e levei a mão ao cabelo. Eu sabia! Já começava a frisar. Quando secasse, ia parecer o pompom de um gorro de lã.

Com um suspiro resignado, comecei a afastar-me em direção à porta do prédio onde vivia. Quando lá cheguei, tive de dar um salto para me esconder. O senhorio ainda falava com o vizinho.

Aquela entrada estava fora de questão; não queria que o homem me visse e me fizesse perguntas sobre o pagamento da renda. Não quando todo o meu cérebro estava ocupado a tentar perceber o que havia naquele envelope que me acabavam de entregar.

Tinha de arranjar uma solução.

— Atchim! — espirrei, com o cabelo encharcado.

E rapidamente, se possível.

**E**ntre espirros, a solução foi o meu nariz que me deu. Só tive de esperar um bocadinho, não muito. Os aromas dos jantares já se faziam sentir no ar. Em breve chegaria o sinal que esperava.

De repente, as janelas do meu prédio encheram-se de adultos a chamar pelos filhos. No meu bairro, não importava se chovia, os apartamentos eram tão pequenos que a maioria das crianças preferia brincar no parque, depois de fazer os trabalhos de casa, em vez de ficar em casa, onde ficariam apertadas e mal se conseguiriam mexer.

No passeio do outro lado da rua, um grupo de dez ou doze crianças juntou-se, à espera para atravessar. Esgueirei-me por entre um par de transeuntes para a soleira de uma porta próxima. Uma vez atravessada a rua, teriam de passar em frente ao meu esconderijo improvisado para chegarem a casa deles, por isso ia espremer-me entre eles para chegar ao meu apartamento sem que o senhorio me visse.

As crianças atravessaram e aproximaram-se. De onde estava, conseguia vigiar o senhorio e... um, dois, três...

Saltei para o meio do grupo.

— Oh, olá, Amanda, não te tinha visto — exclamou uma das minhas vizinhas. — Estavas no parque?

— Chiuuuu — sussurrei, levando um dedo aos lábios. — Não, não estava no parque, mas não quero que o Sr. Pauldon me veja. Finge que eu não estou aqui.

A rapariga riu-se baixinho, tirou o gorro de lã e pô-lo na minha cabeça, quase até às sobancelhas.

— Se ele te vir com isto, vai achar que sou eu. Devolves-mo amanhã na escola.

— Obrigada.

Faltavam cinco metros para a porta do prédio.

O Sr. Pauldon olhou para o grupo de miúdos que se aproximava.

Quatro metros.

Esticou o pescoço como uma girafa, a tentar ver caras, à minha procura no meio delas.

Três metros.

A minha vizinha aproximou a cabeça dela à minha, a fingir que sussurrávamos.

Dois metros.

Os olhos do senhorio iluminaram-se quando me reconheceu.

Drama!

Um metro.

Alguns miúdos do grupo já tinham entrado pela porta do prédio, um deles segurava-a para que não se fechasse. Quando eu ia a passar, o Sr. Pauldon estendeu o braço com a intenção de me apanhar. Desviei-me e corri para as escadas.

O homem tentou perseguir-me, mas a minha vizinha fez-lhe uma rasteira, que fez o senhorio tropeçar e quase cair ao chão. Era mesmo do que eu precisava para chegar ao primeiro lanço de escadas. Quando lá cheguei, parei, virei-me, olhei para a minha vizinha e murmurei um «obrigada», piscando-lhe o olho. Ela acenou em despedida. Passados alguns segundos, já estava a abrir a porta do apartamento que partilhava com a tia Paula. Mal me lembrei dos trabalhos de casa, que ainda estavam na conduta de ventilação. Estava demasiado empolgada.

Em casa, a tia Paula esmerava-se na preparação do jantar, no pequeno fogão de campismo pousado numa caixa de fruta a que chamávamos cozinha. Nessa noite era couve cozida. Couve. Uma couve.

**QUANDO COMEÇARES ESTA COLEÇÃO,  
NÃO CONSEGUIRÁS PARAR DE LER!**



# AMANDA BLACK

No dia em que a Amanda Black faz 13 anos,  
recebe uma carta misteriosa que muda a sua vida.

Ela e a sua tia Paula, que viviam quase na miséria,  
mudam-se para uma mansão gigantesca e labiríntica  
que pertenceu à família Black durante gerações.

É então que a Amanda começa a manifestar  
capacidades inesperadas, como saber trepar paredes  
ou saltar de uma varanda sem partir uma perna!

E como se isso não bastasse, descobre que tem de  
assumir um legado familiar secreto... e muito perigoso!

**Conseguirá a Amanda cumprir a sua  
primeira missão na luta contra o mal?**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt

  penguinkidspt

9+

ISBN 9789897878930



9 789897 878930 >